

DO AUTOR DE *O DESERTO DOS TÁRTAROS*

«Uma estranha e inesquecível novela, um clássico singular.»

J. M. Coetzee

# DINO BUZZATI

## O GRANDE RETRATO

ROMANCE



cavalo de ferro

# O GRANDE RETRATO



DINO BUZZATI  
**O GRANDE RETRATO**

Tradução  
José Luís Costa



cavalo de ferro

**Título original:** Il grande ritratto

© Dino Buzzati Estate. All rights reserved.

Published in Italy by Arnoldo Mondadori Editore, Milano.

© **Cavalo de Ferro Editores, 2010**

para a publicação em território português

**Revisão:** Maria Aida Moura

**Capa:** Razzmatazz design

**Imagem:** © Images.com/Corbis

**Paginação:** Finepaper

1.ª edição, Março de 2010

ISBN: 978-989-623-108-8

Quando não encontrar algum livro Cavalo de Ferro nas livrarias,  
sugerimos que visite o nosso site: **[www.cavalodeferro.com](http://www.cavalodeferro.com)**

## CRONOLOGIA DE DINO BUZZATI

### 1906

Dino Buzzati Traverso nasce a 16 de Outubro em Belluno, numa vivenda propriedade da família na localidade de San Pellegrino. Mas durante grande parte do ano, os Buzzati vivem em Milão, no n.º 12 da Piazza San Marco. O pai, Giulio Cesare Buzzati, é professor de direito internacional na Universidade de Pavia e na Universidade Bocconi de Milão. A mãe, Alba Mantovani, provém de uma família ilustre e é irmã de Dino Mantovani, escritor e homem de letras. Os Buzzati terão quatro filhos: Augusto (1903), Angelina (1904), Dino e Adriano (1913).

Imagens da terra de origem e sugestões da vida da cidade mesclam-se na sensibilidade da criança: «As impressões mais fortes que guardo da minha meninice são as da terra onde nasci, Valle di Belluno, as bravias montanhas que a rodeiam e os Dolomitas ali tão perto. Um mundo sobretudo nórdico ao qual se veio juntar o património das recordações juvenis e a cidade de Milão, onde a minha família sempre viveu durante o Inverno» (*L'uomo libero di Buzzati cerca un'uniforme per vincere la paura*, in «Il Giorno», 26 de Maio de 1959). E a Milão que descobre nos primeiros anos é a mesma a que sempre se manterá fiel: o bairro que medeia entre a Via San Marco e o Pontaccio, entre o Corso Garibaldi e a Piazza Castello.

### 1916

Matricula-se no Liceu Parini de Milão, na época com sede em Via Lulli. É aí que conhece Giovanni Mira e

## DINO BUZZATI

Arturo Brambilla. Mira era o melhor aluno da turma. «Brambilla vinha a seguir. E eu era praticamente o terceiro. Mas a superioridade de Mira era uma coisa assustadora, diria mesmo irritante...» (Y. Panafieu, *Dino Buzzati: un autoritratto*, Mondadori, Milão, 1973, pp. 62-63). É sobretudo com Arturo que se estabelece uma relação destinada a durar: o fiel «Illa», que mais tarde virá a ser professor de latim e grego no Liceu Beccaria, guardará o primeiro lugar entre os amigos de Dino.

### 1919

Prossegue o liceu no ramo de Humanidades. A família muda-se para a Piazza Castello, n.º 28. É uma casa de alta burguesia culta, dotada de uma rica biblioteca, e aí Dino vive com os pais, os irmãos Augusto e Adriano, e a irmã Nina.

Nasce nele a paixão pela egiptologia, que cultiva na companhia do amigo Arturo. Uma obra de Gaston Maspero sobre história da arte egípcia alimenta as fantasias dos dois rapazes. «Tínhamos treze anos. Era uma loucura. Só de olhar para tudo o que dizia respeito a Osíris, Ísis, Anúbis, Hórus, *et cetera*, Ramsés, Sesóstris, sentíamos uma emoção quase física. Ele escrevia um poema sobre Hórus, eu outro sobre Anúbis e por aí fora...» (*Dino Buzzati: un autoritratto*, op. cit., p. 27). Dino deixa-se também fascinar pelos quadros de um grande ilustrador inglês, Arthur Rackham. Entre os treze e os catorze anos começa a ler autores como Poe e Hoffmann.

### 1920

Morre o seu pai, devido a um tumor no pâncreas. Dino guarda dele uma lembrança «bastante vaga», como dirá muitos anos mais tarde a um semanário, comentando as

fotografias do seu álbum de família: «Guardo uma lembrança bastante vaga da sua pessoa. Talvez por usar barba dava-me a impressão, miúdo que eu era, de ser muito velho. Mas posso dizer com certeza que era um homem extremamente chique: tinha uma distinção natural, gostava da elegância, nunca perdia o autocontrolo. [...] Se dele herdei alguma coisa, foi sem dúvida o meu gosto quanto ao vestir» (G. Grieco, *La mia vita, i miei amici*, in «Gente», 9 de Julho de 1969).

Cresce nele a paixão pela montanha, a que se manterá fiel por toda a vida. Empreende as primeiras caminhadas nos Dolomitas: com o irmão Augusto e mais tarde com os amigos Alessandro Bartoli, Arturo Brambilla, Emilio Zacchi. Dino recordará a vocação de Bartoli para o alpinismo: «Era muito melhor do que eu, e ter-se-ia tornado um dos maiores alpinistas do mundo pela sua capacidade, vontade e constituição física, não fora o ter morrido na montanha em 1928 num acidente idiota» (*Dino Buzzati: un autoritratto*, op. cit., p. 60).

Começa a escrever e a desenhar. Lê os romances de Dostoievski. Em Dezembro compõe um poema em prosa, *La canzone alle montagne*. Mantém um diário, no qual anotarà continuamente, excepto durante uma breve pausa entre 1966 e 1970, impressões, juízos, pensamentos.

## 1924

Passa os exames finais do Liceu. Sobre o assunto escreve, de Agordo, ao amigo Arturo Brambilla: «Estou satisfeito por ter passado. Quero lá saber das notas mais ou menos boas. A mim basta-me ter deixado aquela escola abominável» (carta de 10 de Agosto de 1924, in *Lettere a Brambilla*, a/c L. Simonelli, Istituto Geografico De Agostini, Novara, 1985, p. 154). O único professor pelo

qual guarda sentimentos de gratidão é Luigi Castiglioni, latinista de renome, mestre severo e amado: também num artigo escrito muitos anos mais tarde voltará a evocar «as suas maravilhosas virtudes de professor» (D. Buzzati, *Tante lodi e tutte sincere paiono troppe a Luigi Castiglioni*, in «Corriere della Sera», 7 de Maio de 1961).

Depois de algumas hesitações, inscreve-se na Faculdade de Direito.

### 1926-1927

Chamado a cumprir o serviço militar, frequenta o curso de formação de oficiais no Quartel Teulié, em Milão. Numa carta de 8 de Setembro de 1926 escreve: «Agora aqui me encontro nesta espécie de prisão em que é preciso trabalhar sem tréguas de manhã à noite. Horripelmente ocupados como escravos, sempre sob a ameaça de punições. De tal modo que as raparigas, as montanhas, a liberdade parecem coisas tão extraordinariamente belas que dir-se-ia que nunca mais as poderemos ter» (*Lettere a Brambilla*, op. cit., p. 182).

A 30 de Setembro de 1927 termina o serviço militar com a patente de alferes. Apresenta um pedido de emprego ao jornal «Corriere della Sera».

### 1928

O «Corriere» aceita-o como estagiário. A de 10 de Julho escreve no seu diário: «Hoje comecei a trabalhar no Corriere, até quando? — até breve, digo-te eu, até que me enxotem como a um cão.» Recolhe notícias das esquadras de polícia e redige artigos breves sobre a vida da cidade.

A 30 de Outubro conclui a licenciatura em direito, com uma tese sobre *A natureza jurídica da Concordata*. Obtém

uma nota de 95/110. Numa carta datada de 15 de Fevereiro de 1930 é este o balanço que faz da conclusão dos estudos: «Desde pequeno que na escola e também na universidade conheci falsos pequenos triunfos que me encheram de soberba: julguei-me superior à média. O fiasco da minha tese foi o primeiro sinal da estagnação» (*Lettere a Brambilla*, op. cit., p. 197).

Apaixona-se por Beatrice («Bibi») Giacometti. Em Dezembro escreve no diário: «Domingo dancei com a Bibi no Camparino. Lamento que a minha mãe tenha medo deste amor.»

## 1929

Em Novembro é promovido a redactor efectivo e vê-se livre de ter de «fazer a ronda das esquadras». Torna-se também adjunto de Gaetano Cesari, o crítico de música titular. Cabe-lhe acompanhar os concertos e a programação menor do Scala. Dino não é desprovido de competências: estudara violino e piano desde a infância. Mas é sem entusiasmo que cumpre esta tarefa que o ocupa, provavelmente, até Agosto de 1930.

De Bibi fala nas cartas a Brambilla. Na de 25 de Julho de 1929: «Para além disso adoro a minha deliciosa princesa e trabalho no jornal com notável serenidade» (*Lettere a Brambilla*, op. cit., p. 191), e passado pouco tempo noutra ainda (2 de Setembro): «B., que infelizmente amo cada vez mais, está em Aleghe por dez dias e acompanhou-me na viagem» (*ibid.*, p. 192).

A família muda-se para o n.º 20 da Via Donizetti.

## 1930

Numa carta de 13 de Janeiro traça um balanço da situação: «Continuo com a minha vida do costume:

concertos, medo de pôr o pé na argola em alguma crítica do Scala, inquietações, estar um pouco com a B., estar sozinho, pensar nas montanhas cheias de neve onde agora se encontram o meu cunhado, a Nina e a princesa. Para além disso, gostaria de fazer mais qualquer coisa, estudar ou tocar piano, ou escrever uma obra-prima: mas uma apatia assustadora toma conta de mim e sinto o meu cérebro espapaçar-se na vida activa» (*Lettere a Brambilla*, op. cit., p. 195).

Depois de dois anos de estágio inscreve-se como jornalista profissional (14 de Fevereiro) no Sindicato dos Jornalistas (à época Sindicato Fascista Lombardo dos Jornalistas).

De férias em San Pellegrino, concretiza em Junho e Setembro duas expedições de alpinismo. Na subida ao Pequeno Cume de Lavaredo acompanha-o o guia Giuseppe Quinz, de Misurina.

Durante as expedições e as escaladas reúne ideias para o seu primeiro romance. Regista no diário: «Penso na história de *Bàrnabo delle montagne*, que está à espera de ser escrita. Primeiro a estrada que leva até ao vale, o fim do dia e o cansaço do jovem Bàrnabo; mais vale lá chegar — à noite a fogueira distante, o som das sete harmónicas. A vida na casa alta, a caça, a gralha prisioneira, a tempestade e o relato de tudo o que se passara. A guarda ao paiol, a tarde cinzenta e os espíritos, os antigos últimos espíritos da montanha.»

Enceta colaboração com «Il Popolo di Lombardia», semanário «político-sindical da Federação Provincial Fascista de Milão», onde publica artigos, contos, desenhos.

## 1932

A 13 de Abril morre inesperadamente Beatrice Giacometti, com um ataque de peritonite. Dá a ler o manuscrito de

*Bàrnabo delle montagne* a Ciro Poggiali, redactor-chefe do «Corriere». Poggiali compromete-se a encontrar-lhe um editor. Mais uma vez a sua família muda de casa, desta vez para a Viale Majno, n.º 18.

### 1933

Passa a fazer parte da redacção: com Emilio Radius ocupa-se da correspondência «das províncias». Num artigo escrito muitos anos mais tarde, recordará do seguinte modo este trabalho (que manterá até 1939): «Domingo ao fim do dia chegávamos à redacção e tínhamos um espectáculo desolador à nossa espera: molhos gigantescos de papéis, textos dactilografados, manuscritos, telegramas, que chegavam de toda a Itália. Em 95 por cento dos casos tratava-se de cerimónias: reuniões políticas, celebrações, inaugurações, festas religiosas, visitas e discursos de chefes do partido; terminavam invariavelmente com delirantes aclamações ao “Duce”. [...] A nós, redactores, cabia-nos transformar toda aquela correspondência, de modo geral prolixa e nauseabunda, em notícias que tivessem um mínimo de humanidade e decência. Uma ingrata tarefa, e às cinco da manhã voltávamos para casa extenuados, com a cabeça feita em água...» (D. Buzzati, *Quello strano umore che si chiamò fascismo*, in «Corriere della Sera», 21 de Novembro de 1964). Trava com Radius uma relação de fraterna amizade: «Eu não tinha experiência neste tipo de trabalho, e a mudança de ambiente também me intimidava bastante. Podia fazer algum disparate. E ele ajudou-me sem que eu quase me apercebesse disso. Ele podia estar-se nas tintas, mas não: ajudou-me a fazer boa figura, tão ao contrário daquilo que costuma acontecer!» (*Dino Buzzati: un autoritratto*, op. cit. p. 61).

Publica no «Corriere» o seu primeiro *elzeviro*<sup>1</sup>: *Vita e amori del cavalier rospo. Il Falstaff della fauna* (27 de Março).

O romance *Bàrnabo delle montagne* é publicado pelas edições Treves-Treccani-Tumminelli.

Buzzati parte para a Palestina em serviço para o jornal. Grécia, Síria e Líbano são etapas da sua viagem. Envia alguns artigos escritos no navio *Augustus (I misteri della motonave*, in «Corriere della Sera», 19 de Agosto de 1933) e nas cidades que visitou ao longo da viagem.

## 1934

Primeiras leituras de Kafka. Escreve numa carta a Arturo Brambilla (3 de Abril de 1934): «Não pude avançar mais na leitura de Kafka por complexas razões físicas e temporais» (*Lettere a Brambilla*, op. cit., p. 219). E a 2 de Junho de 1935: «Escreve-me e diz-me o que pensas de *O Castelo*. A meu ver é ainda mais kafkiano do que *O Processo*» (*ibid.*, p.231).

Termina a redacção de *O segredo do bosque velho*. A 28 de Setembro escreve a Brambilla: «Há dois minutos terminei a minha história, em que há mais de dois anos meditava. Eu gosto, mas isso não basta» (*Lettere a Brambilla*, op. cit., p. 222).

## 1935

Sofre de uma dolorosa mastoidite e tem de ser operado. O progredir da doença inspira-lhe considerações pessimistas. De tais fantasias nasce o conto *Sette piani*, mais

---

<sup>1</sup> No jornalismo italiano designa-se por *elzeviro* um texto de pendor literário, crítico ou cultural em sentido lato, publicado na terceira página de um jornal em caracteres Elsevier. Um *elzeviro* era escrito com uma atenção particular ao estilo, de modo a pretender ser um exemplar da arte de bem escrever, tanto que inicialmente era apenas confiado a escritores consagrados: Montale, por exemplo, foi dele um famoso praticante. (N. do T.)

tarde publicado em «La Lettura», a 1 de Março de 1937. A 29 de Março escreve a Brambilla: «Eis que hoje regresso do hospital depois de ter estado internado doze dias, muito debilitado e triste. Disseram-me que a operação foi muito grave, tiveram de retirar pus que se tinha formado ao contacto da primeira meninge» (*Lettere a Brambilla*, op. cit., p. 226).

Mesmo continuando a trabalhar na redacção do «Corriere», em Abril é chamado a ocupar-se da revista «La Lettura», suplemento literário mensal. Aí publicará alguns dos seus melhores contos: *Sette piani* (Março de 1937), *Una cosa che comincia par elle* (Janeiro de 1939), *I sette messaggeri* (Junho de 1939), *Eppure battono alla porta* (Setembro de 1940). É publicado, mais uma vez pelas edições Treves-Treccani-Tumminelli, *O segredo do bosque velho*.

Escreve em co-autoria com o cunhado Eppe Ramazzotti *Il libro delle pipe*, que será publicado dez anos mais tarde, com preciosas ilustrações do próprio Buzzati.

## 1936

Interrompe a sua actividade na «La Lettura» e retoma horário de trabalho completo na redacção do «Corriere».

## 1939

A 12 de Abril embarca em Nápoles rumo a Adis Abeba, na qualidade de enviado especial. Ficarà cerca de um ano na Etiópia, numa missão que o poupará à rotina do trabalho de redacção. *Gibuti in letargo*, publicado no «Corriere della Sera» de 7 de Maio de 1939, é o artigo que inaugura a série «africana».

Antes de partir entrega o manuscrito de *La fortezza a Leo Longanesi*, que o aceita para a colecção «Il sofà delle

Muse» da editora Rizzoli. Lonagnesi pedir-lhe-á uma alteração ao título: é assim que o romance adquire o nome definitivo de *O deserto dos Tártaros*.

## 1940

Depois de se recompor de um ataque de tifo deixa Adis Abeba em Abril e passa um breve período em Itália, de baixa. A 6 de Junho está em Nápoles e prepara-se para regressar à Etiópia. Mas o trânsito marítimo para África é suspenso: aproxima-se a guerra contra a França e a Grã-Bretanha.

Em Roma, a 10 de Junho, ouve o discurso de Mussolini e a declaração de guerra.

Chamado às armas, a 30 de Julho embarca em Nápoles no cruzador *Fiume* como correspondente de guerra, passando pela zona de operações navais no Mediterrâneo. A 27 de Novembro, a bordo do *Trieste*, participa na batalha do Cabo Teulada. Giorgio Dissera Bragadin, testemunha directa, recorda-o do seguinte modo: «Dino Buzzati, mesmo não sendo um dos nossos, ou seja, não tendo competências em matéria de tiro ou manobras, [...] mantinha-se sempre no seu posto, demonstrando calma e coragem» (*Dino Buzzati*, a/c de A. Fontanella, Olschki, Florença, 1982, p. 350).

De Adis Abeba continua a acompanhar as fases da paginação e impressão do novo romance. A 16 de Fevereiro escreve ao amigo Arturo encarregando-o de corrigir as provas e proceder a um retoque ditado pelo receio de uma eventual censura: trocar nos diálogos o tratamento por «o senhor» pelo tratamento por «vós», para respeitar as directrizes do regime (*Lettere a Brambilla*, op. cit., p. 249). Finalmente, em Junho *O deserto dos Tártaros* é publicado pela editora Rizzoli. «A capa era amarela, com o

título em caracteres egípcios e uma fotografia do autor na badana, muito romântica» (G. Afeltra, *Il tenente Drogo dal «lei» al «voi»*, in «Corriere della Sera», 20 de Setembro de 1990). O livro tem êxito, e a primeira edição esgota-se rapidamente.

O «Corriere della Sera» de 2 de Agosto publica uma recensão crítica de Pietro Pancrazi, que considera *O deserto* «um dos romances mais singulares publicados entre nós nos últimos anos». A 3 de Agosto Dino escreve a Brambilla, de Nápoles: «Viste o artigo de Pancrazi? Que bela honra. E disse-me coisas muito simpáticas» (*Cartas a Brambilla*, op. cit., p. 252).

Deixa a editora Rizzoli e a 25 de Novembro assina com a Mondadori um contrato que o vincula à publicação de obras futuras (prevendo uma duração de cinco anos «desde a data de entrega do primeiro manuscrito»).

## 1941

A 28 e 29 de Março participa na batalha do Cabo de Matapão, assistindo ao afundamento do cruzador *Pola* e arriscando a vida. A 17 de Dezembro toma parte na primeira batalha de Sirte.

## 1942

No princípio do ano encontra-se em Messina, onde as autoridades da Marinha o encarregam de preparar um livro «sobre a nossa actual guerra naval», obra que não chegará a concretizar-se. Volta a embarcar em Março. Está presente, sempre como correspondente de guerra, na segunda batalha de Sirte (22 de Março). A bordo do *Gorizia* assiste ao desenrolar das operações, que mais tarde reconstituirá num amplo e documentado artigo, *La tempesta salvò gli Inglesi nella seconda battaglia della Sirte*

(«Corriere della Sera», 6 de Abril de 1947). Num texto posterior, *Fecero di giorno notte gli Inglesi alla seconda Sirte* (4 de Abril de 1953), afirmar partilhar, como testemunha directa dos factos, das opiniões e justificações do almirante Angelo Iachino. Em Agosto é chamado de volta a Milão.

Em Messina encontra C.M., mulher com quem inicia uma longa e difícil relação. De San Pellegrino escreve a Bambrilla a 29 de Agosto de 1942: «E pelo contrário encontro-me numa condição deplorável: amo uma mulher que — disso estou profundamente convencido — me quer muito bem, e ao mesmo tempo não prevejo para o futuro deste laço senão amarguras, distância, suspeitas, *et cetera*; que poderá vir daqui?» (*Lettere a Brambilla*, op. cit., pp. 268-69). No final da guerra Buzzati reencontra a mulher, e, com a ajuda dos amigos Indro Montanelli e Silvio Negro, leva-a para Milão, ocupando-se de a instalar.

É publicada a recolha de contos *Os sete mensageiros* (Mondadori, Milão), o primeiro livro de Dino a sair sob a chancela da nova editora.

Surge a tradução alemã de *O deserto: Im vergessenen Fort*, tradução de R. Hoffman, Zsolnay Verlag — K.H. Bischoff, Viena, 1942. É a primeira versão do romance em língua estrangeira.

### 1943-1944

A queda do fascismo provoca terremotos no «Corriere» e colhe Buzzati no pleno cumprimento do seu trabalho habitual. A 25 de Julho o director Aldo Borelli é substituído por Ettore Janni, que por sua vez, à chegada dos alemães (9 de Setembro), deixa o jornal. Sucede-lhe Ermanno Amicucci, e com ele o «Corriere» alinha-se na

posição dos ocupantes. Em finais de Agosto Dino termina o seu serviço na Marinha e abandona o cargo de correspondente de guerra: o último artigo enviado «de uma base naval» é publicado a 8 de Agosto de 1943 (*Il cappellano porta fortuna*). Enquanto se encontra em Nápoles a direcção do «Corriere» volta a chamá-lo. Regressa a Milão e retoma o antigo trabalho. «A 8 de Setembro o jornal deu a Buzzati ordens de se ocupar do trabalho de redacção e foi isso que ele fez» (I. Montanelli, *Tali e quali*, Longanesi, Milão 1951, p. 197). Cumpre as suas funções por entre dificuldades de toda a espécie, e a maior parte dos seus amigos abandona o jornal. Continua a publicar, mesmo se com cada vez menor frequência, artigos e textos que em alguns casos virão a ser editados em livro: *La questione della porta murata* (26 de Setembro de 1943), *Progetto sfumato* (29 de Setembro de 1943), *L'uomo nero* (2 de Abril de 1944), *Patrocinatore dei giovani* (10 de Abril de 1944), *Cuore intrepido* (27 de Abril de 1944), *Miniera stanca* (6 de Maio de 1944), *L'esattore* (3 de Junho de 1944), *Dopo tanto tempo* (25 de Junho de 1944), *Mercato nero* (20 de Maio de 1944), *Scherzo* (23 de Junho de 1944), *La fine del mondo* (7 de Outubro de 1944), *Pranzo di guerra* (15 de Dezembro de 1944), *Una goccia* (25 de Janeiro de 1945).

## 1945

O «Corriere dei Piccoli» publica em vários capítulos, entre 7 de Janeiro e 29 de Abril, *La famosa invasione degli orsi*, com desenhos coloridos da autoria do próprio Buzzati. A publicação é interrompida e o conto infantil, reelaborado pelo autor, virá a ser publicado em livro com o título *La famosa invasione degli orsi in Sicilia* (Rizzoli, Milão, 1945).

A sua colaboração com o «Corriere» torna-se menos frequente. Mas a 25 de Abril voltam a chamá-lo à redacção, depois de Mario Borsa assumir a direcção. Gaetano Afeltra recorda: «Ele estava em casa como se nada fosse. Jantava com a mãe. Disse-lhe para vir. Não se descompôs, nem perguntou qual era a razão pela qual ele era tratado como única excepção, numa altura em que todos os colaboracionistas eram saneados. E lá foi, de bicicleta» (*Buzzati e il Corriere*, suplemento do «Corriere della Sera», 12 de Junho de 1986). Escreve de imediato o relato das vicissitudes da cidade libertada, o artigo *Cronaca di ore memorabili* que no dia seguinte surge em destaque na primeira página («Il Nuovo Corriere», 26 de Abril de 1945).

Quanto às vicissitudes políticas e editoriais do jornal, Buzzati segue-as de modo mais discreto. Envolve-se no projecto de criação de um novo jornal, de tendência liberal moderada, «Il Corriere Lombardo», que concretiza com Gaetano Afeltra, Bruno Fallaci e Benso Fini. O primeiro número sai a 30 de Julho de 1945.

Numa página do seu diário datada de «Junho de 1945» regista algumas das suas impressões sobre o final da guerra. «As cidades mantêm-se iluminadas toda a noite, janelas abertas, os ânimos voltam-se agora para coisas de outros tempos que pareciam já perdidas: falo do sol sobre praias felizes, dos sons de festa que vêm das varandas, das partidas rumo a reinos fabulosos, das aventuras de noites distantes, das esperanças, dos sonhos (a lua já não mete medo). E contudo, de um momento para o outro, hoje ou amanhã, amanhã ou depois de amanhã, perguntar-se-á alguém: misericórdia divina, que fizemos para termos tudo isto? Agora reina o silêncio sobre as noites, os amores, delicadas guitarras, suspiros, cantos,

apitos de locomotivas, tenebrosas sirenes de paquetes iluminados que partem, cheios de fatalidade. Mas não será isto uma brincadeira, um engano? Acaso mudou o nosso castigo, que parecia tão justo?» (*In quel preciso momento*, Mondadori, Milão, 2006, pp. 21-22).

Sai a segunda edição de *O deserto dos Tártaros* na editora Mondadori, à qual Rizzoli cedeu os direitos de reedição, depois de laboriosas negociações.

### 1946

Terminada a experiência do «Il Corriere Lombardo», Buzzati volta em Novembro ao «Nuovo Corriere della Sera», sendo Mario Borsa director.

### 1947

A 16 de Julho quarenta e quatro crianças que frequentam uma colónia de férias de Milão morrem afogadas em Albenga devido ao naufrágio de um barco a motor. Buzzati dita ao telégrafo um artigo que se tornaria célebre, *Tutto il dolore del mondo in quarantaquattro cuori di mamma* («Corriere della Sera», 18 de Julho de 1947).

### 1948

Escreve *Pânico no Scala*, um extenso conto em forma de parábola em que retrata o medo dos «encarnados» que afligia a burguesia de Milão depois do atentado a Togliatti. O tema tinha-lhe sido proposto por Arrigo Benedetti, director do «L'Europeo». Este semanário publica o conto em quatro partes, como «romance breve», entre Outubro e Novembro.

### 1949

O «Corriere» encarrega-o de seguir a Volta à Itália. No seu relato centra-se sobretudo no duelo entre Bartali

## DINO BUZZATI

e Coppi, e escreve comentários livres e cheios de fantasia. Estes artigos, publicados entre 18 de Maio e 14 de Junho, serão mais tarde recolhidos em livro: *Dino Buzzati al Giro d'Italia*, a/c C. Marabini, Mondadori, Milão, 1981.

Sai a tradução francesa de *O deserto: Le désert des Tartares*, tradução de M. Arnaud, Laffont, Paris, 1949. Abrirá caminho ao excelente acolhimento com que os leitores franceses brindarão a obra de Buzzati. O editor Robert Laffont é seu admirador e desempenha um papel não secundário na promoção do escritor italiano.

### 1950

Torna-se director-adjunto do «Domenica del Corriere», oficialmente apenas da responsabilidade de Eligio Possenti. Exercerá a função até 1963. O seu nome não consta do quadro da redacção, mas de facto é a ele quem cabe a tarefa de orientar os trabalhos deste popular suplemento semanal (N. Giannetto, *Uno scambio di lettere fra Calvino e Buzzati*, in «Studi buzzatiani», I, 1, p. 103). O seu nome só será referido *a posteriori* no número 1 de 1964, quando Possenti, abandonando funções, agradece, entre outros, a «Dino Buzzati, figura genial e activíssima, que me acompanhou e foi director-adjunto de 1950 até hoje». Na verdade ele é uma espécie de director oculto e dá à revista um toque seu, escrevendo pouquíssimo, solicitando artigos e intervindo discretamente nos títulos e nas legendas. O seu amor pela profissão e o seu pendor por uma certa visão fantástico-popular das coisas encontram um bem apropriado abrigo nesta publicação de ampla difusão: o «Domenica» de Buzzati «reste encore entièrement à découvrir pour pouvoir comprendre l'écrivain, son rapport entre réalité et imagination, son

vrai rapport avec le fantastique qui ne passe pas tellement par Kafka (comme on dit souvent) mais par le féérique italien» (A. Cavallari, *Buzzati journaliste*, in *Dino Buzzati*, op. cit., p. 272).

A «Revue de deux mondes» publica um artigo de Marcel Brion, conceituado ensaísta e escritor, que contribui para chamar a atenção para o autor de *O deserto*, um ano depois da publicação da sua tradução francesa: M. Brion, *Trois écrivains italiens nouveaux*, in «Revue de deux mondes», 19, 1950, pp. 530-39.

O editor Neri Pozza de Veneza publica-lhe *In quel preciso momento*, uma recolha de textos em prosa, esboços e páginas do seu diário.

### 1953

A 14 de Maio sobe ao palco no Pequeno Teatro de Milão, com encenação de Giorgio Strehler, *Un caso clinico*. A peça mantém-se poucas noites em cartaz mas é acolhida com juízos favoráveis. O crítico mais prestigiado da altura, Silvio D'Amico, escreve na sua recensão para o jornal «Tempo» de 22 de Maio de 1953: «De Dino Buzzati, escritor *sui generis*, se disse entre outras coisas que o seu género seria o do “texto breve”. Mas a verdade é que entre as suas virtudes estão também as do bom construtor: bom faro tiveram Paolo Grassi e Giorgio Strehler quando, não se deixando desencorajar pelo êxito duvidoso ou negativo de outras tentativas de atrair ao seu Pequeno Teatro escritores de renome, se voltaram para o romancista Dino Buzzati.»

### 1954

A Mondadori publica-lhe um novo volume de contos, *A derrocada da Baliverna*, que a 23 de Outubro granjeia ao

DINO BUZZATI

seu autor o Prémio Napoli, *ex-aequo* com Cardarelli, premiado pelo seu *Viaggio di un poeta in Russia*.

### 1955

É apresentada em Paris a peça *Un cas intéressant*, versão francesa de *Un caso clinico*. O autor da adaptação é Albert Camus. A obra sobe ao palco a 9 de Março no Théâtre La Bruyère, com encenação de Georges Vitaly, na presença do próprio Buzzati. Provoca o interesse do público e da crítica; também graças ao trabalho sagaz de Camus, que estabelece com Buzzati uma relação de amizade e simpatia: «Même lorsque les Italiens passent par la porte étroite que leur montrent Kafka ou Dostoïevski, ils y passent avec tour leur poids de chair. Et leur noirceur rayonne encore. J'ai trouvé cette simplicité à la fois tragique et familière dans la pièce de Buzzati et j'ai, en tant qu'adaptateur, essayé de la servir» (in D. Buzzati, *Oeuvres*, Laffont, Paris 1995, p. 697).

Escreve o libreto de *Ferrovia sopraelevata*, conto musical em seis episódios, com que inicia a sua colaboração com o compositor Luciano Chailly. A ópera estreia a 1 de Outubro no Teatro Donizzetti de Bergamo.

### 1957

Conhece Yves Klein na galeria Apollinaire de Via Brera. Dedicar à sua exposição um artigo (*Blu, blu, blu*) no «Corriere d'Informazione» de 9-10 de Janeiro.

### 1958

A Mondadori publica a recolha *Sessanta racconti*, uma antologia pessoal elaborada pelo próprio Buzzati, selecção de peças em parte já incluídas em outros volumes. O livro ganha o Prémio Strega; 135 votos contra os 118

atribuídos a *Il soldato*, de Carlo Cassola. Neste contexto, G. Debenedetti escreverá um importante texto: *Dino Buzzati, premio Strega*, in «La Fiera letteraria», 20 de Julho de 1958 (e mais tarde in *Intermezzo*, Mondadori, Milão, 1963, pp. 181-89).

A 1 de Dezembro, na Galeria dei Re Magi, «no rés-do-chão de um austero palacete milanês, com entrada em arco e cancela, na Milão que não esqueceu os homens da *Scapigliatura*<sup>2</sup>, foi inaugurada a primeira exposição do pintor Dino Buzzati» (A. Sala, *Dino Buzzati pittore: la frontiera perenne*, em *Dino Buzzati*, op. cit., p. 307).

## 1959

Em Março sobe ao palco no Scala de Milão *Jeu de Cartes*, de Igor Stravinski. Buzzati é o autor do cenário e dos figurinos.

Em Abril conhece S.C., a jovem mulher que se tornará protagonista de *Un Amore*.

A 30 de Setembro tem lugar a estreia de *Procedura penale*, ópera bufa em um acto, com música de Luciano Chailly, no Teatro Villa Olmo em Como.

## 1960

Publica no «Corriere d'Informazione» de 5-6 de Janeiro uma evocação de Albert Camus (*Era un uomo semplice*), que conhecera alguns anos antes em Paris.

A revista «Oggi» publica semanalmente capítulos do romance *O grande retrato*, mais tarde publicado num só volume pela Mondadori.

---

<sup>2</sup> A *Scapigliatura* (literalmente, *scapigliato* significa desgrenhado, e, por extensão, libertino, boémio) foi um movimento literário da segunda metade do século XIX, que reuniu escritores e artistas da Lombardia e do Piemonte e que aspirava a novas formas de expressão e a uma ruptura com a tradição. (N. do T.)

No seu diário escreve, referindo-se ao atormentado caso amoroso que virá a narrar em *Un amore*: «O único modo de me salvar é escrever. Contar tudo, dar a entender o sonho derradeiro do homem às portas da velhice. E ao mesmo tempo ela, encarnação do mundo proibido, falso, romanesco e fabuloso, do qual sempre me abeirei com desdenho e obscuro desejo.»

No Verão conhece Almerina Antoniazzi, por ocasião de um trabalho fotográfico para o «La Domenica del Corriere».

## 1961

Numa conversa com Paolo Monelli, em Fevereiro de 1961, revela alguns aspectos da sua experiência pessoal: «Há indivíduos [...] que amadurecem tarde, quando os anos já são muitos. Devo ser um deles. Muitas coisas ainda hoje não as compreendo, outras só as compreendi quando isso já não me servia de nada. O amor por uma mulher, digo o amor, não o ir para a cama, os ciúmes, as lágrimas de paixão, o desejo de morrer ou até de se matar, o prazer desesperado de sofrer por uma ingrata, por uma infiel, isso só o descobri agora. Não sei dizer se me tornei finalmente maduro, ou se só agora chego aos verdadeiros vinte anos» (P. Monelli, *Ombre cinesi. Scrittori al girarrosto*, Mondadori, Milão, 1965, p. 111).

A 18 de Junho morre a sua mãe, Alba Mantovani. «A minha mãe era a única pessoa que verdadeiramente se sentia feliz quando eu alcançava alguma coisa, quando tinha um pequeno êxito. E, do mesmo modo, se me afligia uma pequena dor, ela sentia-se verdadeiramente infeliz. Este é o único tipo de amor — de tudo quanto sei — que verdadeiramente realiza de modo perene (ou seja,

sem desequilíbrios) essa participação maravilhosa que é o amor ao próximo» (*Dino Buzzati: un autoritrato*, op. cit., p. 20). A morte e o funeral da mãe causam em Dino um remorso agudo: as acusações de ingratidão e de egoísmo que inflige a si mesmo ecoam no conto *I due artisti* («Corriere della Sera», 21 de Abril de 1963).

## 1962

Dino muda-se para o n.º 24 da Viale Vittorio Veneto. No mesmo prédio moram o irmão Augusto e a irmã Nina, com o marido Eppe Ramazzotti.

## 1963

A Mondadori publica em Abril o romance *Un amore*, que suscita discussão e polémica. A 18 de Abril tem lugar na Galeria del Mulino, Via Brera, um aceso debate sobre o livro, sob a forma de «julgamento de Dino Buzzati».

A 16 de Maio morre Arturo Brambilla. Buzzati dirá a Panafieu, comentando esta perda: « [...] depois da sua morte tornei-me de certo modo um sobrevivente. De certo modo tornei-me de repente velho... Tornei-me o homenzinho que visita o cemitério numa tarde de Novembro...» (*Dino Buzzati: un autoritrato*, op. cit., p. 63).

Tem início um intenso período de viagens na qualidade de enviado especial. Entre 19 de Outubro e 18 de Novembro visita o Japão, enviando vários artigos de Tóquio. Quando regressa vê-se privado do seu posto de director-adjunto do «Domenica del Corriere».

## 1964

Em Janeiro o «Corriere» envia-o a Jerusalém para acompanhar a viagem de Paulo VI. O pontífice demonstra-lhe estima e consideração.

DINO BUZZATI

Em Fevereiro viaja a Nova Iorque e a Washington. Escreve um primeiro artigo sobre a Arte Pop: *Una folle camera da letto* («Corriere della Sera», 23 de Fevereiro de 1964).

Em Dezembro segue a viagem do Papa a Bombaim.

## 1965

Visita Praga na Primavera: «Agradou-me a beleza de Praga, uma espécie de cidade fantástica, mesmo que a meus olhos a sua população inspire um sentido de grande tristeza e miséria» (*Dino Buzzati: un autoritratto*, op. cit. p. 39). De entre os textos que envia destaca-se o *elzeviro* *Le case di Kafka* («Corriere della Sera», 31 de Março de 1965).

Em Dezembro viaja pela segunda vez a Nova Iorque, onde fica durante cerca de dez dias. Aprofunda o conhecimento dos artistas da Arte Pop e visita os seus ateliês. Da viagem tece um relato bem humorado e recheado de anedotas em três artigos publicados no «Corriere della Sera» (2, 9 e 13 de Janeiro de 1966).

O editor Neri Pozza publica o seu primeiro livro de versos, *Il capitano Pic e altre poesie*. No número 5 do «Caffè» (5 de Março) surge o pequeno poema *Tre colpi alla porta*.

## 1966

Trabalha no guião de *Il viaggio di G. Mastorna*, para um filme que deveria ter sido realizado por Federico Fellini. Este declarou-se admirador de velha data de Dino: em particular recordava um dos seus primeiros contos, *Lo strano viaggio de Domenico Molo*, que lera nos tempos de liceu. Entre 1966 e 1967 termina o trabalho, mas o filme nunca virá a ser concretizado.

A Mondadori publica *Il colombre e altri cinquanta racconti*, que reúne textos publicados a partir de 1960.

Em Maio expõe os seus quadros em Milão, na Galeria Gian Ferrari.

A 8 de Dezembro casa com Almerina Antoniazzi, na igreja de San Gottardo in Corte. Depois do matrimónio continua a viver na casa da Viale Vittorio Veneto, onde ainda hoje mora Almerina.

## 1967

Substitui Leonardo Borgese como crítico de arte do «Corriere della Sera». O seu primeiro artigo depois da designação oficial é *È arrivata l'arte Funk* («Corriere della Sera», 13 de Outubro de 1967), mesmo se já tinha escrito de modo variado e eclético sobre artistas e pintores, sobretudo para as páginas do «Corriere d'Informazione».

## 1969

Dá início à página semanal «Il mondo dell'arte», que há-de dirigir até aos últimos meses de vida. O primeiro número abre com um breve editorial assinado *d.b.*, *E se fosse ancora viva* («Corriere della Sera», 26 de Janeiro de 1969).

A Mondadori publica *Poema a fumetti*.

## 1970

Recebe o prémio de jornalismo Mario Massai pelos artigos que publicou no «Corriere» em 1969 sobre a chegada dos primeiros astronautas à Lua.

Pinta os ex-votos da série *I miracoli di Val Morel*. Os quadros serão expostos em Setembro na Galeria Il Naviglio, em Veneza.

## 1971

Em Fevereiro sente os primeiros sintomas da doença, um tumor no pâncreas.

No Verão grava uma longa série de conversas com Yves Panafieu, que elabora com base nesse material o livro-entrevista *Dino Buzzati: un autoritratto*, Mondadori, Milão 1973.

A Mondadori publica a última recolha de contos e *elzeviri*, *Le notte difficili*. O livro não é acolhido pela crítica com particular consenso. Giorgio Bocca publica uma recensão em que, reconhecendo embora o talento do escritor, reafirma a objecção do seu posicionamento ideológico, muito corrente na época: hostil à novidade e fiel ao género da fábula, Buzzati arriscar-se-ia «a estar objectivamente do lado daqueles que não querem que absolutamente nada mude para não perderem um único dos seus privilégios» (G. Bocca, *I rischi e i timori di un reazionario*, in «Il Giorno», 27 de Outubro de 1971).

O seu estado de saúde deteriora-se progressivamente. «Dia após dia vimo-lo afastar-se, como o herói de um dos seus contos, para fora do tempo e do espaço: cada vez mais só, cada vez mais sombra, murmúrio, sussurro. Antes mesmo que o soubessem os médicos, ele já sabia de tudo. E desde então que se retirou para a sua inacessível praia, e quando lhe pedíamos que regressasse ele respondia petrificando-nos na boca as piedosas mentiras com que o tentávamos consolar» (I. Montanelli, *Lo stile di una vita*, in «Corriere della Sera», 29 de Janeiro de 1972).

Entrada de 1 de Dezembro do seu diário: «... e agora finalmente acabou-se a história, ou está para acabar diante da absoluta indiferença do público pagante que por mim nunca pagou meio tostão, faz frio, Dezembro começa, chegarei a ver o Natal?»

## CRONOLOGIA

Publica no «Corriere della Sera» de 8 de Dezembro o seu último *elzeviro*, *Alberi*. Nesse mesmo dia é internado na Clínica La Madonnina de Milão.

### **1972**

Morre a 28 de Janeiro, às quatro e vinte da tarde.



## I

Em Abril de 1972 o professor Ermanno Ismani, de 43 anos, catedrático de electrónica na Universidade de X, homem pequeno, gordo, bem-disposto por natureza mas medroso, recebeu uma carta do Ministério da Defesa que lhe pedia que comparecesse diante do coronel Giaquinto, chefe do Gabinete de Estudos. O convite tinha carácter de urgência.

Sem remotamente imaginar de que coisa se pudesse tratar, Ismani, que face à autoridade estabelecida sempre tivera um complexo de inferioridade, apressou-se a comparecer no Ministério nesse mesmo dia.

Nunca lá tinha estado. Com o seu habitual embaraço entrou na sala de espera. E logo um plantão fardado veio ao seu encontro, perguntando-lhe o que desejava. Mostrou-lhe a carta.

Depois de lhe dar uma vista de olhos, o plantão, que o tinha interpelado de modo algo brusco (desleixado no vestir, desajeitado nos movimentos, Ismani parecia um tipo pelo qual não valesse a pena dar dois chavos), transformou-se por encanto. Apresentou as suas desculpas, pediu a Ismani que aguardasse um momento e precipitou-se para uma sala adjacente.

Veio um alferes que pediu para ver a carta, leu-a, sorriu de modo vagamente embaraçado, e com acentuado obséquio pediu a Ismani que o seguisse.

«Mas que haverá de tão estranho nesta carta?», interrogava-se Ismani um pouco intrigado. «Porque é que, depois

de olharem para ela, me tratam como uma eminência.»  
Aos seus olhos não parecera mais do que uma qualquer ordem de serviço.

Esta consideração quase temerosa ressurgiu também nos outros oficiais, de patente cada vez mais elevada, nos sucessivos gabinetes por onde conduziram Ismani. Tinha até a desagradável sensação de que cada um daqueles oficiais, assim que via a carta, ficava com pressa de se livrar daquele assunto passando-o a outros, mais competentes na matéria: como se ele, Ismani, fosse uma personagem a tratar com toda a consideração, mas incómodo, se não mesmo perigoso.

O coronel Giaquinto devia possuir uma extraordinária autoridade, bem superior à que a sua patente deixava adivinhar, tantas foram as barreiras de controlo que Ismani teve de atravessar até chegar a ele.

Giaquinto, um homem na casa dos cinquenta anos, vestido à civil, recebeu-o com deferência. Não havia necessidade alguma, afirmou, de Ismani se ter apressado tanto. A urgência a que se aludia na carta era uma formalidade habitual a todos os procedimentos do seu gabinete.

— Para não o fazer perder tempo, professor, explico-lhe já do que se trata. Ou melhor — e aqui soltou um risinho comprometedor, — ou melhor, traçar-lhe-ei os termos da questão que o Ministério lhe tenciona submeter. De que coisa verdadeiramente se trata, eu próprio não o sei. Em certos sectores, o senhor professor compreenderá, as cautelas nunca são excessivas. A este propósito chamo até a sua atenção para o seguinte: se se tratasse de qualquer outra pessoa, pedir-se-lhe-ia o prévio compromisso de honra de respeitar o mais rigoroso sigilo... mas no seu caso, professor... a sua personalidade... as suas habilitações... o seu passado de combatente... o seu prestígio...